

TEXTO DA CURADORIA

7º Prêmio BDMG Cultural | FCS de Estímulo ao Curta-metragem de Baixo Orçamento 2021

Queremos neste texto trazer palavras de encorajamento e não apenas contar como foi o processo de curadoria. Foram 90 filmes inscritos no edital 7º Prêmio BDMG Cultural | FCS de Estímulo ao Curta-metragem de Baixo Orçamento 2021. Nosso primeiro desejo era de contemplar todos, pois sabemos que cada filme é um universo particular e expressa a visão de mundo de alguém.

Com essa consciência, olhamos para os filmes com muita atenção e cuidado. Acreditamos em um mundo polifônico, amplo e plural, capaz de reunir pontos de vista, histórias e experiências reveladas através das imagens. Foi nesse sentido que caminhamos em direção aos filmes apresentados aqui.

Nos encontramos com uma leva de produções riquíssimas e distintas, vindas de muitas cidades do nosso grande estado. Um repertório de filmes engenhosos, profundos, divertidos e urgentes. Documentários, ficções clássicas, videoarte, experimental, animação, filmes produzidos em um assombroso e cruel momento de isolamento social que abordam diferentes temas tão essenciais para o País. Buscamos fazer um recorte que contemplasse as questões mais discutidas da nossa sociedade e que revelasse esse tempo-agora a partir das narrativas apresentadas. Buscamos também construir uma seleção que fosse menos desigual. Confirmamos o talento e beleza contidos em produções muitas vezes simples, e nos admiramos com tamanha capacidade criativa desses realizadores. Nos emocionamos com a força e coragem dos discursos e nos aproximamos das suas angústias e dores. Abraçamos em silêncio os minutos e seguimos os trajetos das formas.

Se cada filme é um universo particular, é justo dizer aqui da dificuldade em chegar a essa lista. Entrar por cada fresta de paisagem, conhecer cada traço familiar, ouvir cada ruído e viajar para cada mundo real ou distópico, diz também sobre como cada filme se (e nos) apresenta e pretende comunicar.

Em um panorama dos inscritos, a autobiografia e até mesmo podemos dizer autoficção, foi um estilo que mais se apresentou, vozes em primeira pessoa confidenciaram passagens íntimas e até mesmos dolorosas de suas vidas; pensamentos críticos sobre as questões sociais, questões de gênero e superações eram devires de um tempo espaço em que tudo aquilo que perturba, muitas vezes situações de infância, familiares e de socialização, emergem como temas. Estamos em um tempo em que os incômodos precisam dar lugar a talvez uma cura, e se a arte tem realmente esta potência, nessas diversas tentativas vimos

uma forma corajosa de afirmar a vida, a fé e sua efemeridade numa tentativa de expurgar, trazer ao outro, dialogar sobre aquilo que já não se quer mais carregar sozinho.

Muitos olhares sobre o tempo/espço de reclusão durante a pandemia, refletiram sobre os afetos, suas ausências e suas impossibilidades. Diante de aplicativos, diante de si mesmo refletido em espelhos, a imagem de clausura foi do quadro mais documental direto, passando pela fabulação, experimentação e uso de artefatos na busca por novas construções de espaços e de corpos que já se esgotaram ali.

No campo da ficção, poucas narrativas se apresentaram, e dessas, houve trabalhos com gêneros já bem conhecidos e muitos encontros entre a dramaturgia do teatro e a câmera. Por fim, alguns lançaram e aguçaram um olhar sobre o coletivo, sua comunidade, seus familiares, a cidade, o oculto, os diversos outros que nos atravessam e que por vezes podemos percebê-los como pares mas também como diferentes para quem direcionamos afeição, respeito, até quando não conseguimos decifrá-los, nem suas escolhas ou modos de vida.

Dos filmes selecionados, e das diversas formas de apresentação de narrativas, destacamos a pluralidade de histórias, narrativas e formas e celebramos um momento de imbricação e muito pertencimento entre o cinema, o vídeo, a literatura, o teatro, a dança e a performance. Chegamos até aqui querendo ir mais longe, trazendo mais filmes, encontrando mais pessoas.

Aos que foram selecionados, aproveitem o fruto do bom trabalho. Aos que não foram agora, continuem acreditando em seus filmes e em seus processos artísticos.

Obrigada por seguirem criando. Sigamos!

Um abraço,

Ana Carolina Soares, Grazi Medrado e Marco Antônio Pereira